

JORNAL DA
AdUFRJ

1247 • 30 de setembro de 2022 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj



s e m m e d o
d e s e r f e l i z

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Foi em 1989 a primeira vez em que a voz rouca de Lula nos convocou a colocar a estrela no peito e nos livrar do medo de ser feliz. Em 33 anos, muitos de nós se decepcionaram com o pragmatismo dos governos petistas e aposentaram as estrelinhas de metal. Hoje, no entanto, não é dia de cavucar velhas mágoas. Ao contrário, temos mais uma vez a oportunidade de trocar o medo pela esperança, e enterrar 48 meses de pesadelo bolsonarista.

A diretoria da AdUFRJ se orgulha de ter se antecipado e declarado voto em Lula antes das outras seções sindicais do país. Não fizemos isso por simpatia incondicional ao criador do Reuni e das cotas. Fizemos apenas por avaliar que era o candidato com maiores condições de nos livrar da chaga de Bolsonaro e de tudo que ele representa para a universidade, para a Ciência e para os direitos humanos.

Há cinco meses, nosso jornal trata do tema, direta ou indiretamente, com reportagens sobre cortes orçamentários e análises do cenário político nacional. Somos professores universitários e experientes o suficiente para saber que a eleição de Lula não é uma panaceia que irá resolver tudo do dia para noite. Mas é o que temos pra hoje e onde devemos concentrar nosso foco. Falta pouco e esse pouco será melhor e menor se a vitória final vier depois de amanhã, na noite de 2 de outubro.

Ganhar no primeiro turno não é massacrar o direito de outras candidaturas se apresentarem. É reduzir o flerte

com ameaças golpistas e antecipar o triunfo da democracia, usando inclusive a blindagem das eleições parlamentares. Isso porque os parlamentares eleitos, mesmo os do campo bolsonarista, não estarão dispostos a rever o resultado das urnas que os elegeram, e portanto, não irão aceitar uma revisão do pleito.

Terminamos a edição da semana com a ansiedade juvenil de não fazer ideia se haverá ou não segundo turno, mas temos a certeza de que os professores da UFRJ estão no lado bom da História e irão cerrar fileiras para defender a democracia. E um dos pilares dessa defesa é a escolha de uma bancada parlamentar comprometida com a produção libertária do conhecimento. Tema, aliás, de manifesto lançado pelo Observatório do Conhecimento aos candidatos ao Legislativo e de artigo da reitora da UFRJ, na contracapa desta edição.

Também há nesta edição uma análise robusta do debate de quinta-feira, a partir do olhar de professores da UFRJ. Em síntese, nossos colegas do IFCS e da Escola de Comunicação elogiaram um Lula firme, mas criticaram o formato desgastado do debate, que abre mais espaço para provocações e caricaturas que nada contribuem para a política e para a democracia, do que para o amplo confronto de ideias e programas eleitorais.

Enfim, depois de debates ruins, pesquisas inconclusivas e a semana mais longa de nossa história recente, esperamos que o domingo termine com Baco, numa deliciosa festa, que encerre quatro anos de tristeza. Pois, como ensina o professor de História Luiz Antonio Simas, em seu livro "O corpo encantado das ruas": "Sem o repouso das alegrias, cá pra nós, ninguém segura o rojão". Boa leitura, e Lula Lá!



FOTOS: FERNANDO SOUZA



Quem sempre foi sincero em confiar

■ A ADUFRJ REALIZOU UMA PANFLETAGEM PRÓ-LULA na tarde de terça-feira (27), no Largo do Machado. "Havia muita gente panfletando, de diferentes campanhas, mas não houve nenhum problema. Foi bem tranquilo", afirmou o presidente do sindicato, professor João Torres. "Foi uma oportunidade de dialogar com a população e distribuímos todos os adesivos", completou.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  Psicare PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
-  BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
-  MACAÉ ESCOLA ALFA
-  CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
-  HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
-  MAIS FITNESS ACADEMIA
-  CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
-  RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR
-  KALUNGA PAPELARIA
-  DROGARIA RAIA

meu PRIMEIRO VOTO

Juventude terá papel decisivo nas eleições

> Pandemia e ataques às universidades contribuíram para mobilização dos mais jovens contra o atual governo, segundo especialistas. Datafolha aponta que 51% preferem Lula e 20%, Bolsonaro

ESTELA MAGALHÃES
comunica@adufjr.org.br

O jingle "Sem Medo de ser Feliz", composto pelo publicitário Hilton Acioli, embalou a esquerda brasileira em 1989. Nas primeiras eleições diretas para presidente após a ditadura, a música chamava grande parte da população a votar no petista: "Lula lá, com toda a certeza pra você/Meu primeiro voto/Pra fazer brilhar nossa estrela". Agora, mais de três décadas depois, é a vez da juventude defender a democracia.

O exercício da cidadania é inédito para milhões de jovens de 16 a 21 anos, e será inaugurado neste domingo. "Fico feliz em poder votar numa eleição como essa. Estamos num momento muito decisivo. De um lado, um discurso quase neofascista; e, de outro, uma luta para manter a democracia", diz Karolayne Carvalho, de 20 anos, estudante de Relações Internacionais. "É muito importante ter voz nesse enfrentamento da instabilidade política e votar pela credibilidade da democracia", completa.

A participação dos jovens nas urnas será decisiva para essas eleições, segundo pesquisa do Datafolha: 51% das pessoas de 16 a 29 anos têm preferência por Lula, enquanto apenas 20% preferem Bolsonaro. "É fundamental garantir que os jovens votem no presente para que eles também possam votar no futuro", diz o professor Jorge Chaloub, da Ciência Política da UFRJ. "A própria ideia de juventude é muito mobilizada quando você quer pensar qualquer tipo de mudança e renovação no cenário político", analisa. Para ele, os ataques às universidades e à educação contribuíram para uma articulação jovem desde 2019. "A eleição está sendo marcada por disjunções muito fortes. Vemos uma tendência de quem é homem, branco, mais velho ou tem a renda mais alta a votar no Bolsonaro. A juventude está votando contra", completa.

"A movimentação importante desse eleitorado nas redes sociais, especialmente nesses últimos dias, com uma adesão

NOSSO PRIMEIRO VOTO...



ESTELA MAGALHÃES
Estudante de Jornalismo e estagiária do Jornal da AdUFRJ

"ME ALEGRA VOTAR EM CASA E, PELA PRIMEIRA VEZ, EM LULA"
Minha zona eleitoral fica a 560 km do Rio de Janeiro. Nasci, cresci e tirei meu título no Vale do Aço, interior de Minas Gerais, antes de vir estudar na UFRJ. Neste domingo, vou dar meu primeiro voto para presidente na escola que minha mãe estudou quando criança, no bairro que morei a vida inteira. Meu primeiro voto carre-

ga a esperança de quem cresceu no governo Lula, sonhando com uma universidade pública de excelência, e a raiva de quem foi às ruas pela primeira vez no início de 2019 em defesa da educação superior, minha conquista tão recente. Cheguei ao Rio caloura e com a incerteza se a UFRJ duraria até o fim do meu curso, por causa dos grandes cortes orçamentários. Mas o recomeço está próximo. São nove horas de viagem até o abraço, de volta ao bairro que guarda todos os meus "primeiros". Me alegro poder votar em casa e, pela primeira vez, votar em Lula. O equilíbrio do primeiro passo, a delicadeza do primeiro beijo, a potência do primeiro voto.

“É fundamental garantir que os jovens votem no presente para que eles também possam votar no futuro”

JORGE CHALOUB
Professor de Ciência Política da UFRJ

da comunidade artística e de influencers, nos apontam para uma possibilidade de consolidação desse voto", analisa a professora Elisa Guaraná, da UFRRJ. Segundo a professora



JOÃO TORRES
Professor do Instituto de Física e presidente da AdUFRJ

"MEU PRIMEIRO VOTO EM LULA, NO PRÓXIMO DOMINGO IREI REPETIR"
A eleição de 1989 foi a primeira na qual votei para presidente. Eu tinha 29 anos e votei encantado no Lula, de estrelinha de metal e camiseta. Estava no meio do doutorado no Fermi Accelerator Laboratory, em Chicago. Fizemos uma grande campanha entre os brasileiros em Chicago para que todos votassem, mesmo que fosse

no Collor. Naquela época, eu achava que era fundamental participar das eleições mesmo votando contra o meu candidato, para fortalecer a nascente democracia brasileira. Embora o Collor (Movimento Brasil Novo, lembra algo?), tivesse um discurso muito udenista, voltado para a "caça aos marajás", muito agressivo contra o serviço público, a eleição era entre dois candidatos que supostamente participavam do campo democrático. Anteriormente, eu já havia participado de campanhas para deputados progressistas do PMDB, nas eleições de 1982, mas votar para presidente pela primeira vez, no Lula, longe do Brasil, foi uma experiência marcante que irei repetir no próximo domingo.

“A juventude tem um papel fundamental na defesa da democracia e da população brasileira”

ELISA GUARANÁ
Professora de Ciências Sociais da UFRRJ

espero que a vitória seja no primeiro turno", diz Fernanda Mendes, estudante de Jornalismo que irá às urnas eleger um presidente pela primeira vez aos 20 anos. "Quero fazer parte da mudança que eu espero que ocorra a partir do ano que vem com Lula na presidência", completa.

"Precisamos problematizar essa ideia de que o jovem não estaria interessado em política porque a adesão ao voto seria mais baixa do que nos anos anteriores", diz a professora Olívia Perez, da Ciência Política da Federal do Piauí. Ela recupera a atuação política dos jovens nas redes e a formação de coletivos com foco em questões sociais. "Há outros lugares de fazer política que não a política institucional, mas há uma descrença em relação à política parlamentar. De fato, os jovens são pouco inseridos em termos de representação. Eles são 27% da população e a representação na esfera municipal do Legislativo é em torno de 8% e vem caindo nas últimas eleições", explica. Para a professora, é preciso investir na inclusão dos jovens no debate político. "Num contexto dominado por homens brancos e mais velhos, a juventude tem ensinado a importância da inclusão da diversidade nas decisões coletivas", completa.

CONTRA AS ATROCIDADES
"O meu voto é contra todas as atrocidades que a gente tem vi-

CRESCER A ESPERANÇA

‘UM TIQUINHO’ PARA REESCREVER A HISTÓRIA

Em live final de campanha, Lula diz que falta muito pouco para vencer a eleição no primeiro turno. Pesquisas confirmam a possibilidade enquanto cresce onda anti-Bolsonaro

ALEXANDRE MEDEIROS E ANA BEATRIZ MAGNO
comunica@adufrrj.org.br

Não há força maior no mundo do que a esperança de um povo que sabe que vai voltar a ser feliz. Foi com essa frase que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva abriu a semana final de campanha, em seu discurso na live “Brasil da Esperança! Lula Presidente 13!”, na segunda-feira (26). No patamar dos 50% dos votos válidos nas duas principais pesquisas divulgadas esta semana — a do Ipec e a do Datafolha —, Lula lembrou que “falta só um tiquinho” para que vença no primeiro turno: “O tempo do ódio, o tempo da guerra, o tempo da desunião e da discórdia está chegando ao fim. Eu nunca tive tanta fé e tanta esperança como tenho hoje”.

É isso. Chegou a hora. A esperança de que a eleição presidencial seja decidida já no domingo foi alimentada pelas pesquisas do Ipec e do Datafolha. Na segunda-feira (26), o Ipec mostrou que Lula tem 52% dos votos válidos e Bolsonaro, 34% — os mesmos percentuais da rodada anterior. Ao analisar a pesquisa do Ipec, o sociólogo e cientista político Paulo Baía, professor do IFCS/UFRJ, enxerga duas ondas em formação nos últimos dias de campanha. “São ondas diferentes, mas são sinérgicas a favor de Lula. Há uma onda de contágio pró-Lula. E existe uma onda anti-Bolsonaro que impede o candidato do PL de crescer. Ele está rigorosamente estabilizado há mais de 20 dias”, avalia o professor.

Paulo Baía acha real a possibilidade de Lula vencer em primeiro turno, sobretudo se crescer a adesão ao voto útil ou necessário. “O levantamento do Ipec mostra uma indefinição em relação a Ciro Gomes (PDT), que teve uma pequena queda, e há uma tendência de desidratação de sua

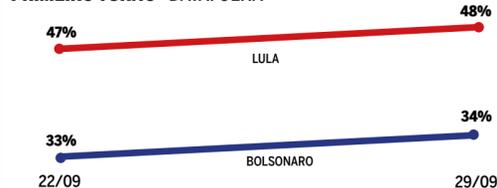
campanha. Pode ser que Ciro mantenha seu percentual de votos entre 6% e 8%, mas podemos ter uma surpresa, com ele despendendo para o quarto lugar, com menos de 4%. Simone Tebet (MDB) se mostra mais estável e conquista entre 3% e 5% dos votos. Ambos estão sendo pressionados pelo voto necessário ou pelo voto útil dentro de seus próprios partidos”, diz Baía.

A onda antiBolsonaro identificada pelo professor Paulo Baía teve algumas adesões expressivas durante a semana. Na terça-feira (27), o ex-presidente do STF, Joaquim Barbosa — que foi relator no tribunal do processo do mensalão, no qual votou pela condenação de dirigentes do PT — divulgou um vídeo com duras críticas ao candidato do PL. “Bolsonaro não é um homem sério. Não serve para governar um país como o nosso. Não está a altura. Não tem dignidade para ocupar um cargo dessa relevância. Nas grandes democracias, Bolsonaro é visto como um ser humano abjeto, desprezível”, diz Barbosa. O ex-ministro encerra assim o vídeo: “É preciso votar já em Lula no primeiro turno para encerrar essa eleição no próximo domingo”.

A onda anti-Bolsonaro também atingiu outro ex-presidente da Corte, o ex-decano Celso de Mello, que divulgou carta em

INTENÇÃO DE VOTO ESTIMULADA

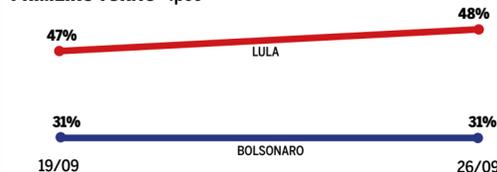
PRIMEIRO TURNO - DATAFOLHA



VOTOS VÁLIDOS - DATAFOLHA

LULA: 50% X BOLSONARO: 36%

PRIMEIRO TURNO - Ipec



VOTOS VÁLIDOS - Ipec

LULA: 52% X BOLSONARO: 34%

que qualifica o presidente como “um político menor, sem estatura presidencial, de elevado coeficiente de mediocridade”. “Em defesa da sacralidade da Constituição e das liberdades fundamentais, em prol da dignidade da função política e do

decoro no exercício do mandato presidencial e em respeito à inviolabilidade do regime democrático, tenho uma certeza absoluta: não votarei em Jair Bolsonaro! É por tais razões que o meu voto será dado em favor de Lula no primeiro turno”, diz

a carta. Tucanos históricos, como o economista André Lara Resende, também declararam voto em Lula esta semana.

Divulgada na quinta-feira (29), pouco antes do debate entre os presidentes em debate na TV Globo (veja matéria sobre o debate na página 5), a pesquisa do Datafolha mostra Lula com 50% dos votos válidos e Bolsonaro, com 36%. A pesquisa revela uma leve queda de Ciro Gomes, de 7% para 6%, também detectada pelo Ipec. Para o professor Paulo Baía, a vitória de Lula em primeiro turno pode ser decidida em detalhes. “Vamos ver o comportamento dos eleitores de Ciro e Simone. Se houver uma movimentação do chamado voto necessário, ou útil, essa movimentação pode favorecer tanto Lula quanto Bolsonaro. Os dois estão trabalhando a tese do voto útil”.

A estabilidade nas intenções de votos de Lula e Bolsonaro nas pesquisas pode ser mais um fator a favor do candidato do PT nas suas pretensões de liquidar a fatura no próximo domingo. Em debate no programa Prós e Contras, da Jovem Pan News, de quinta-feira (29), a cientista política Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, observou que essa estabilidade vem se mantendo. “Pesquisa é uma fotografia do momento, e as preferências estão estáveis ao longo do tempo, com poucas oscilações”, atesta Mayra, para quem a vitória de Lula em primeiro turno é uma possibilidade real.

Possibilidade feita de esperança. A poucas horas do voto na urna, vale lembrar outra frase de Lula na live do início da semana: “Nós vamos juntos reescrever a história”.

DEPOIMENTO



PEDRO LIMA
Professor de Ciência Política da UFRJ

CIENTISTA POLÍTICO DIZ QUE É IMPOSSÍVEL CRAVAR RESULTADO

“Fazer política é disputar hegemonia. Me parece que hoje a esquerda tem a hegemonia na chapa Lula e Alckmin. Alckmin saiu do PSDB, foi para o PSB, colocou boné do MST, cantou a

Internacional, se aliou a Lula. Claro, que pode ser farsa e teatro, e que só saberemos se essa aliança empurrará o PT para a direita no decorrer do governo, mas até agora, me parece que a esquerda hegemoniza. Isso é muito importante num cenário eleitoral disputado como esse. É mais um indicador da importância de liquidar a eleição no primeiro turno porque fortalece a esquerda e reduz a margem de negociação.

Isso não significa que ter um segundo turno seja uma derrota. Claro que não é. Pode até ter um gostinho de derrota, mas não é uma derrota de jeito

nenhum. Temos que colocar as coisas em perspectiva. Estamos lidando com um presidente fascista, bandido, criminoso. Lula foi preso, viu um golpe se realizar para evitar sua eleição. Neste contexto, somar 48%, 49% ou 51% dos votos não faz diferença. É uma supervitória. A última pesquisa do Datafolha, divulgada na quinta-feira, não permite que a gente crave o resultado. Lula está em algum lugar entre 48 e 52%. O viés de alta da semana anterior parece, segundo a pesquisa, ter se estabilizado. É um cenário delicado porque Lula está muito perto de vencer no primeiro turno e

qualquer mudança de voto é significativa. De quinta a domingo, a decisão girará em torno do que irá acontecer com os 2% de indecisos e com os votos de Ciro. Se parte de votos de Ciro e dos indecisos migrar para Simone Tebet, fortalece ainda mais a senadora na política nacional, e não favorece Lula. Já se parte desses votos forem para Lula, liquidaremos a fatura no primeiro turno, o que seria fantástico, porque derrotaríamos com força uma aberração política e fortaleceríamos a democracia”.

DE REPENTE ESSA CLAREZA PRA VOTAR

Lula faz debate firme e Bolsonaro evita confronto

> Especialistas analisam último debate eleitoral. Disputa não empolgou e não mudará o resultado das urnas no domingo. Protagonistas foram apagados por “nanicos” e candidatura “histrionica”

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

O último e mais importante debate eleitoral entre os presidentes, promovido pela Rede Globo na última quinta-feira (29), abriu mais espaço para a desqualificação da política do que serviu para informar os indecisos. Mas mostrou um Lula indignado e firme. “A reação de Lula diante da enxurrada de mentiras foi firme e alta. Mesmo com os limites de tempo e a insistência dos adversários, desmascarou distorções e corrigiu o rumo da conversa para temas relevantes”, analisa a professora Carol Proner, da

Faculdade Nacional de Direito.

Mayra Goulart, professora da Ciência Política e vice-presidente da AdUFRJ, concorda. “A corrupção esteve no centro do debate e a novidade é Lula acentuar a defesa do seu governo como uma gestão que combateu a corrupção”, destaca. A docente também diferencia as posturas de Ciro Gomes e Simone Tebet. “Enquanto Ciro se organiza à direita, às franjas do bolsonarismo, para ser o porta-voz da oposição ao governo Lula, a Tebet quer construir um outro lugar, talvez até dentro do governo Lula, e que não se capture pelo bolsonarismo. Alguém que se apresenta para além da polarização e reforça uma agenda programática, de mulheres que têm preocupações

sociais”, diz.

Analistas ouvidos pelo Jornal da AdUFRJ criticam também o modelo do debate. “A função era convencer as pessoas que ainda não tinham definido seu voto. Oferecer uma perspectiva mais assertiva sobre os candidatos”, diz a professora Suzy dos Santos, diretora da Escola de Comunicação da UFRJ e coordenadora do PEIC — grupo de pesquisa em Políticas e Economia Política da Informação e Comunicação. “Nada disso aconteceu. Houve pouco espaço para o debate de propostas. As imagens que temos (pós-debate) são dos ‘nanicos’ e de um padre que não é um padre, uma candidatura histrionica”, completa.

Para o professor Pedro Lima,

do Departamento de Ciência Política do IFCS, a candidata Simone Tebet foi a grande vencedora. “Lula deveria ter sido mais ativo. Não tinha que ir pra lama e bater boca com Bolsonaro e com o falso padre, dois golpistas desqualificados”, acredita.

Emérito da Escola de Comunicação, o professor Marcio Tavares D’Amaral não acredita num grande vencedor do debate, mas concorda que Tebet e Soraya Thronicke se destacaram. “As mulheres foram muito bem também porque elas não têm nada a perder”, analisa. “Simone, inclusive, tem até alguma coisa a ganhar. Ela pode passar Ciro Gomes e ficar em terceiro lugar, colocando o MDB com a maior votação em sua história”, avalia. “E Soraya é

uma criadora de memes”.

Já para a professora Thais Aguiar, também da Ciência Política, a postura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva precisa ser destacada. “Lula foi firme. Respondeu muito bem às questões de corrupção, não foi passivo e dialogou com a camada mais ampla da população”, diz. Ponto de maior força e também calcanhar de aquiles do PT, os mais pobres compõem a parcela da população que mais se abstém proporcionalmente nas eleições. “Essa abstenção é o que mais afeta o PT desde 2006, quando sua base eleitoral passou a ser mais concentrada nessa faixa da população”, avalia o cientista político Jorge Chaloub, do IFCS. “E pode fazer a diferença no domingo”.

AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES



JORGE CHALOUB
Professor do Departamento de Ciência Política do IFCS/UFRJ

LULA FOI ALVO PRIMORDIAL DOS ATAQUES

O tom predominante foi o da direita nesse debate. Quem acabou sendo alvo primordial dos ataques foi Lula, pelo tom dos adversários, à direita, e por ser o líder nas pesquisas. Dada a organização entre Lula e Bolsonaro, como competidores diretos, as outras candidaturas tentavam se colocar como terceira via. Ciro pode perder parte de seu eleitorado com essa postura mais à direita, porque seu eleitorado não muda de orientação tão rapidamente. Lula promete menos e menciona mais os feitos. Bolsonaro promete mais e se justifica mais pelo que não cumpriu. A campanha petista tão ostensiva pelo voto útil é um risco — de desanimar a militância num eventual segundo turno e esgarçar importantes relações políticas — mas também uma aposta de redução de risco e diminuição da violência.



MARCIO TAVARES D'AMARAL
Professor da Escola de Comunicação da UFRJ

MODELO DO DEBATE FOI LONGO E DESINTERESSANTE

O modelo do debate é muito ruim: longo e desinteressante. O debate era para conduzir ao voto útil ou mexer com os indecisos, mas não acho que foi efetivo. Alguém atacado, como o Lula foi por todo mundo, mais tem que se defender do que ser propositivo. Destaco o momento em que o padre e o Lula se enfrentaram. Começou um bate-boca. Depois Lula recolocou as coisas em seus devidos lugares. Eu não sei como isso será apreciado. Bolsonaro botou uma casca de banana para o Lula, porque não o chamou para a disputa e deixou esse embate para o padre. Vamos ver se essa postura de Lula vai ser considerada como reação esperada de uma pessoa agredida em sua honra, ou falta de controle. Temos que terminar no primeiro turno. Está difícil até de respirar e a violência pode aumentar.



SUZY DOS SANTOS
Professora e diretora da Escola de Comunicação da UFRJ

FALTOU DISCUSSÃO DE IDEIAS. FORMATO ESTÁ ESGOTADO

A conclusão mais inicial que me chama atenção é que esse modelo de debate não funciona. É profundamente esgotado na imagem e com pouco debate de ideias. O campo da comunicação política já reverbera, há um tempo, que esse formato é esgotado, observando resultado eleitoral após debates e vendo que não há mudanças nas tendências do eleitor como acontecia há 20 anos. É preciso fazer uma busca para se qualificar os debates. Há que se pensar em como reorganizar esse processo para que existam debates efetivos, que informem, que esclareçam, que evitem essa midiáticação do que é o esgarço, do que é o estereótipo quase negativo da própria política, desse tipo de candidato-comédia. O sistema midiático precisa saber por que e como fazer o debate político numa lógica democrática.



THAIS AGUIAR
Professora do Departamento de Ciência Política do IFCS/UFRJ

PRESIDENTE E PADRE DESINFORMAM E ATACAM A DEMOCRACIA

Ciro Gomes, num primeiro momento, se soma aos ataques ao Lula e ao PT, mas depois percebe o jogo que estava sendo engendrado com Felipe D’Avila como escada de Bolsonaro e padre Kelmon sendo um duplo do atual presidente. Então ele se reposicionou para não colaborar com essa dobradinha. Ciro e Tebet se saíram bem entre os indecisos, na pesquisa focal, mas não me parece que houve um grande vencedor. Bolsonaro fugiu da pergunta sobre tentativa de golpe. E claramente fugiu do embate direto com Lula. A desinformação que ele e padre Kelmon promoveram e que não pode ser contradita no debate pesa, porque é um ataque à democracia. Nem todos os eleitores conseguem distinguir o que é verdade e o que é mentira. De modo geral, houve pouca discussão programática.

E Tãnta gente a TRAbALhaR

Chegou a hora de formar uma bancada da Ciência

> Observatório do Conhecimento lança campanha para identificar candidatos comprometidos com a liberdade acadêmica e a autonomia universitária

IGOR VIEIRA E JÚLIA FERNANDES
comunica@adufrrj.org.br

Após tantos ataques sofridos no governo Bolsonaro, a Academia decidiu reagir. Não basta mais eleger um presidente que respeite a ciência. Diante dos retrocessos, é preciso ganhar força no Congresso e nas assembleias legislativas de todo o país. De olho nisso, o Observatório do Conhecimento lançou no dia 20 uma campanha para identificar e destacar nomes comprometidos com a liberdade acadêmica, a autonomia universitária e o financiamento adequado para as pesquisas. Até o momento, 49 candidatos receberam o selo “Eu

sou amigo da Ciência”.

Somente no Rio de Janeiro, Jandira Feghali, Dani Balbi (ambas do PCdoB), Tatiana Roque (PSB), Chico Alencar, Renata Souza, David Gomes (os três do PSOL), Marina do MST e Camila Marins (PT) subscreveram o pacto pelo conhecimento. Fora do estado, além destas siglas, há representantes da Rede, do Partido Verde e do Solidariedade.

“Para que se tenha uma bancada forte pela ciência, é fundamental que ela seja formada por deputados e senadores de diferentes espectros ideológicos, já que a ciência é uma pauta transversal”, afirma a professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ e coordenadora do Observatório. “A ciência é um

espaço de mobilidade social, de invenção de novos mundos e de melhoria do atual”, reforça.

De acordo com levantamento feito pelo Observatório, rede formada por associações de docentes de várias partes do Brasil, as áreas da Ciência e da Educação sofreram cortes que já somam R\$ 100 bilhões, nos últimos sete anos. Justamente o contrário do que deveria ser feito em um país que ainda precisa crescer muito. “A ciência é um lugar de agregação de valor de produção de tecnologia. Isso indica que os investimentos que são feitos têm retorno imediato, o que é muito bom para o Estado”, explica Mayra.

O Observatório não foi o único a se movimentar neste terreno

eleitoral. “Inicialmente eu pensava que cabia à sociedade civil alertar aqueles que fossem eleitos sobre a importância da ciência e da tecnologia. Mas depois dos ataques que nós sofremos, eu estou achando interessante ter essa mobilização”, relata Fernanda Sobral, vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

A SBPC elaborou um caderno com propostas sobre diferentes temas, o Projeto Brasil Novo. O documento, entregue a candidatos aos Poderes Legislativo e Executivo, também já reúne assinaturas de diferentes partidos políticos. Fernanda Sobral afirma que a ideia é fazer o público checar “se o candidato está de acordo com as causas”. Um dos trechos

do caderno aponta que “para a reconstrução do país, é necessário que haja recomposição e ampliação do investimento público em Ciência, Tecnologia e Inovação”. A Academia Brasileira de Ciências também não ficou parada. Indicado para falar em nome da ABC, o professor Aldo Zarbin (UFPR) afirma que “a Academia está o tempo todo dialogando com os candidatos. Em cada questão que envolva a ciência e a tecnologia, e que precisa ser apreciada pelo Legislativo, ela está na frente de batalha junto com a SBPC e com algumas outras entidades”.

Zarbin defende a eleição de cientistas para o Congresso. “Nós temos, hoje, na Câmara, e até mesmo no Senado, representantes que têm comprometimento com a causa, mas não são cientistas. A importância de se ter cientistas é porque estamos falando de pessoas que sabem exatamente quais são os desafios da área”, diz. “Eles sabem o que significa cada projeto de lei que é votado, cada emenda, cada proposta, ou qualquer outro fator relacionado ao financiamento de ciência e tecnologia no país. A gente vai ter que gastar menos esforço para conseguir aquilo que realmente interessa à ciência”.

A deputada federal Jandira Feghali (PCdoB), que está em seu sétimo mandato, afirma que “as pautas avançam no Congresso dos blocos que as defendem e com a mobilização da sociedade civil organizada”. Para a veterana, o cenário é de esperança. “Tenho uma enorme expectativa de que os brasileiros e brasileiras têm consciência da necessidade da mudança. E ela virá”, conclui.

na alegria de se abraçar

‘Sextou’ abre novo espaço de debates para docentes

> Encontro promovido pela AdUFRJ no Fórum de Ciência e Cultura reuniu professores da UFRJ em clima descontraído para conversar sobre o processo eleitoral e a atuação do movimento sindical

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Há muitas maneiras de fazer política e de confraternizar, e juntar as duas opções pode ser uma boa ideia. Na sexta-feira passada (23), a diretoria da AdUFRJ recebeu professores e professoras para conversar sobre a conjuntura política às vésperas da eleição, em clima de descontração. O “Sextou” reuniu os docentes no Fórum de Ciência e Cultura, em noite fria e chuvosa, com um debate animado e cheio de boas ideias.

Os professores de Ciência Política Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, e Josué Medeiros foram os facilitadores da conversa, respondendo perguntas ou comentários dos presentes. A eleição, é claro, foi o tema principal do debate. “Essa eleição não é uma eleição normal. Porque ela não é uma eleição entre dois candidatos, mas entre continuar a ter democracia ou mergulhar no autoritarismo”, resumiu Josué.

O professor do IFCS/UFRJ se apoiou no trabalho sobre a crise da democracia e o monitoramento eleitoral feito pelo Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira (Nudeb), laboratório que coordena, para apontar dinâmicas peculiares do atual processo eleitoral. “Existem dinâmicas nessa eleição que apontam para mais autoritarismo, como, por exemplo, a bancada da bala. Ter muitos candidatos que defendem armamento é um sinal de que, mesmo que o Lula ganhe, vamos ter dinâmicas que defendem o autoritarismo ainda vivas”, explicou o professor. Por outro lado, ele apontou aspectos positivos, como candidaturas antirracistas ou a bancada do coçar, que ganharam bastante destaque na cena política da esquerda.

Mayra Goulart citou as mudanças na lei eleitoral feitas



para aumentar a participação de mulheres e pessoas negras na política. Pelas novas regras, votos em candidatos destes grupos têm peso maior na divisão do fundo eleitoral. “Quando você atrela esse voto ao recebimento desses fundos, você faz com que esses partidos tenham viabilidade eleitoral”, explicou. Ela acredita que, no futuro, teremos um Congresso diferente, mas fez uma ressalva. “Não adianta querermos que sejam mulheres e pessoas negras com as quais a gente concorda. Não adianta fazermos cara de enojados se forem mulheres conservadoras”, defendeu.

Mayra foi além para explicar as motivações das mulheres conservadoras e o papel do campo progressista nessa disputa: “As mulheres conservadoras são a grande variável dessa eleição. A esquerda só teve penetração popular quando foi conservadora nos costumes. Pensamento



progressista é pensamento de elite”, avaliou.

A conversa não poderia deixar de falar de atuação sindical, e foi Mayra quem respondeu uma pergunta sobre o que esperar dos movimentos sociais e sindicais em um eventual governo Lula. “Temos que fazer uma atuação muito consistente dentro do Andes, porque a política da atual diretoria do sindicato nacional é de ‘fora todos’, da condenação da política enquan-

to espaço de negociação e convivência de diferenças. No ambiente político, nós temos que conversar com pessoas que são divergentes, e a atual diretoria do Andes não é capaz de fazer isso”, ponderou. Para ela, com um governo que estará aberto a negociações, é preciso negociar. “Para isso é preciso superar um certo infantilismo, que às vezes permeia o movimento sindical”, defendeu.

Para o professor João Torres, presidente da AdUFRJ, o balanço do encontro foi positivo. “No início, fui reticente quanto à realização do Sextou. Mas, mesmo antes de a conversa começar, eu me dei conta que o movimento sindical não pode ser feito apenas no espaço do sindicato, durante reuniões e assembleias, mas também em outros espaços de convivência”, ressaltou. João lembrou que o momento é propício para confraternizações e encontros fora do espaço



ENCONTRO no Fórum de Ciência e Cultura teve momentos de descontração e reflexão sobre a atual conjuntura política e sindical do país

acadêmico. “Foram dois anos de isolamento. Nosso reencontro não pode acontecer só no sindicato ou nos corredores da UFRJ. Vamos repetir, talvez com outros formatos”, acrescentou.

FOTOS: FERNANDO SOUZA

DEPOIMENTOS DOS CANDIDATOS AO JORNAL DA AdUFRJ



TATIANA ROQUE
(PSB/RJ)
Candidata a deputada federal

■ A situação no Congresso vai ser muito adversa e Lula, sozinho, não será suficiente para fazer as mudanças necessárias. Precisamos ter pessoas lá que sejam capazes de argumentar e de trazer também a sociedade e a própria universidade para dentro do Congresso Nacional para a gente pressionar, reivindicar e poder dar a prioridade que a universidade e a ciência merecem. A primeira medida será ajudar Lula a derrubar o teto de gastos. Ele já se comprometeu com essa pauta. Quando fui presidente da AdUFRJ, fizemos uma grande campanha contra o teto, mas vamos precisar de uma grande ação no Congresso Nacional. Acho que o mais importante de ter uma pessoa que seja cientista e da Universidade é ter essa bancada da ciência para enfrentar o negacionismo. Precisamos também criar discursos que sejam compreensíveis, que tragam a sociedade para o nosso lado e também fazer a ponte com a própria universidade, os movimentos e as entidades representativas.



JANDIRA FEGHALI
(PCdoB/RJ)
Candidata a deputada federal

■ As pautas avançam no Congresso de acordo com a pressão dos blocos que as defendem e da mobilização da sociedade civil organizada. Para fazer avançar matérias relacionadas à ciência e à educação, é fundamental ter uma bancada expressiva que as defendam. Depois de quatro anos de muitos retrocessos, quero crer que a sociedade entendeu que a negação da ciência, da cultura e da educação tem consequências diretas na vida das pessoas. Isso ficou muito claro nos milhares de mortes evitáveis durante a pandemia. Por isso, tenho uma enorme expectativa de que os brasileiros e brasileiras têm hoje consciência da necessidade da mudança. E ela virá.

A atual legislatura foi a que mais exigiu nossa resistência. A oposição ao governo Bolsonaro não tinha número suficiente para derrotar projetos e nossa atuação se pautou em grande parte pela articulação política. Muitos prejuízos foram evitados com esta atuação. Também tivemos avanços, mesmo neste cenário de dificuldades, a exemplo do Fundeb.



RICARDO GALVÃO
(REDE/SP)
Candidato a deputado federal

■ A visibilidade que alcancei com minha atitude (do embaite contra Bolsonaro, quando diretor do INPE), tanto nacional como internacional, levou vários colegas da academia a sugerir que eu aceitasse envolver-me na política para defender, de forma mais assertiva, a Ciência Brasileira. Nunca havia pensado em um dia entrar para a política. Essa “pressão” é, principalmente, o convite de Marina Silva me levaram a tomar essa decisão. Uma bancada forte, composta de parlamentares com larga experiência profissional na educação e na atividade científica, teria grande respeitabilidade da sociedade e, portanto, maior representatividade no Congresso. Na educação formal, temos que melhorar substancialmente o nível de aprendizado em ciências naturais, e não somente de português e matemática, desde o ensino fundamental ao ensino médio. Os alunos devem ter muito mais contato com atividades experimentais, e assim aprender a formular modelos que explicam seus resultados.



DANI BALBI
(PCdoB/RJ)
Candidata a deputada estadual

■ Os fatores que negritam a importância de uma bancada da ciência é lutar por mais recurso e autonomia para que as instituições possam funcionar no desenvolvimento social, econômico e humano do estado e na formação em nível superior de ponta de profissionais que possam superar a marginalidade e o desemprego. Para isso, devemos recompor as Faetecs, e ter anotações orçamentárias específicas para a Secretaria de Estado de Educação, para as Universidades e para a Faperj. Para ter uma ciência que de fato intervenha no desenvolvimento técnico, tecnológico, econômico; que gere emprego e renda; que mantenha um altíssimo nível de formação e pós-graduação, além das iniciações científicas, precisamos de ao menos 3,5% da receita líquida estadual para a Faperj. Hoje, a legislação prevê 2%. Os critérios meritocráticos para a concessão de bolsas da Faperj devem ser alterados, pois não auxiliam os alunos pretos, pobres, lgbtqi+ e das mulheres na continuidade dos estudos de ensino superior e na pesquisa.



ENFERMEIRA CARLA PRADO
(Solidariedade/MG)
Candidata a deputada estadual

■ Minha posição política não é necessariamente de esquerda, mas me alinho ao entendimento de que a educação deve ser prioridade em qualquer Estado. É importante investir em educação pública de qualidade em todos os níveis e garantir acesso amplo ao ambiente educacional público básico, médio e superior. Estudei em escola pública a vida inteira, me formei na Universidade Federal de Uberlândia. Toda a minha formação foi pública, gratuita e de qualidade. Essa perspectiva claramente afeta a minha percepção, pois eu jamais teria condições de pagar pelos meus estudos e se tenho qualidade de vida hoje é fruto do que estudei. Todos os países desenvolvidos investem na formação do seu povo. Uma bancada forte em defesa da educação significa trazer esse tema e essa importância para o centro das discussões públicas do Brasil. A ciência está ligada à produção de conhecimento. Sem investir nela, o país fica estagnado e dependente do que é produzido fora.

Artigo

**DENISE
PIRES DE
CARVALHO**
Reitora da
UFRJ



valeu
a espera

PRA FAZER BRILHAR NOSSA ESTRELA

O ano de 2022 marca o bicentenário da independência do Brasil e uma escolha política das mais importantes desde a redemocratização do país. No próximo domingo, dia 2 de outubro, devemos escolher qual o projeto de nação que defendemos para nos tornarmos um país finalmente desenvolvido e menos desigual. Essa é a real polarização em jogo: os que lutam pela verdadeira independência e pelo desenvolvimento do Brasil e aqueles que o querem manter como um país periférico e subserviente aos interesses das potências econômicas internacionais. Essa última escolha tem como resultado a manutenção da desigualdade social, a insegurança pública, dentre outras mazelas brasileiras.

Não há exemplo de país no mundo que tenha se desenvolvido em termos socioeconômicos sem investimento em educação, ciência e tecnologia. Nenhum país que pretende se desenvolver pode prescindir de educação básica de qualidade e da educação superior associada à produção de conhecimento, que se reflete em maior capacidade de inovação.

Enquanto os países mais ricos e desenvolvidos aumentaram o investimento em pesquisa e desenvolvimento durante a pandemia, o Brasil vem assistindo ao desmonte das suas universidades e centros de pesquisa, que estão asfixiados com os sucessivos cortes nos orçamentos dos ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Esses ministérios são estratégicos e deveriam ser liderados por profissionais altamente qualificados e que defendam o modelo de Brasil soberano. Caso contrário, continuaremos patinando no subdesenvolvimento. Neste século, os países que não investem em inteligência artificial, novas formas de energia, inovação social e disruptiva, atenção à saúde ou na descoberta de novos fertilizantes estará escolhendo um futuro incerto como nação.

É urgente aumentarmos o acesso e a permanência no ensino superior, o número de mestres e doutores e a formação qualificada de professores para melhorar a educação básica. Devem ser essas as nossas urgências e não se pode avançar neste sentido

LULA LÁ (1989)

Autor: Hilton Acioli

**Passa o tempo e tanta gente a trabalhar
De repente essa clareza pra votar
Quem sempre foi sincero em confiar
Sem medo de ser feliz, quero ver chegar**

**Lula lá, brilha uma estrela
Lula lá, cresce a esperança
Lula lá, o Brasil criança
Na alegria de se abraçar**

**Lula lá, com sinceridade
Lula lá, com toda a certeza pra você
Meu primeiro voto
Pra fazer brilhar nossa estrela**

**Lula lá, é a gente junto
Lula lá, valeu a espera
Lula lá, meu primeiro voto
Pra fazer brilhar nossa estrela**

sem investimento adequado por parte do Estado, conforme previsto na Constituição de 1988.

Nosso povo não merece continuar a ser explorado. Nossos biomas e nossas riquezas não devem ser utilizados para concentração de renda e nossas instituições de saúde, ensino e pesquisa devem parar de ser desqualificadas. Vamos escolher aquele que sempre esteve do lado da ciência, da educação de qualidade, contra o obscurantismo, a favor do desenvolvimento da nação brasileira, pois o fortalecimento do Sistema Único de Saúde e das instituições de Estado é um projeto que deve ser retomado no país o mais rápido possível, para garantir mais dignidade ao nosso povo.

Apesar de sermos independentes sob o ponto de vista legal e termos uma Constituição cidadã vigente, não somos uma nação verdadeiramente independente sob

vários aspectos, o que foi confirmado durante o enfrentamento da pandemia pela Covid-19. Nesses últimos anos, assistimos perplexos à demonstração inequívoca da nossa total dependência de outros países do mundo para obtermos insumos farmacêuticos diversos, equipamentos hospitalares, fertilizantes, entre outros bens de consumo que poderiam ser produzidos no próprio país. Inclusive, a nossa atual Constituição tem sido perigosamente modificada ao longo do tempo.

Nos primeiros 100 anos após a proclamação da independência, a pobreza não foi combatida, sequer havia ensino superior consolidado e a educação básica era incipiente no país. Ou seja, naquela época continuamos perpetuando o modelo de país colonizado e com enorme parte de sua população alijada de educação e renda digna.

Durante os 100 anos subsequentes, houve avanços, porém a sociedade brasileira fez algumas escolhas políticas equivocadas e não privilegiou a educação e a ciência. Este fato, associado ao fenômeno da globalização das últimas décadas, promoveu a progressiva desindustrialização da nação, o aumento da pobreza e a dependência cada vez maior da importação de bens de consumo de alta tecnologia, que têm maior valor agregado. Com enorme mercado consumidor, por que dependemos da importação de insumos básicos para a produção de vacinas e medicamentos, por que não refinamos nosso próprio petróleo, dentre outras ações que diminuiriam o custo de vida da população, além de gerar mais empregos e renda? Se ao contrário, tivéssemos perseguido o modelo de nação independente, o que depende de financiamento suficiente por parte do Estado, já poderíamos ser exportadores de alta tecnologia.

Há alguma capacidade técnico-científica que foi instalada, com muita dificuldade, no Brasil nas últimas seis décadas, o que propiciou a transformação tecnológica nacional. Cito alguns exemplos importantes desse processo e que estão profundamente enraizados na UFRJ: tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas, um projeto bem-sucedido de um dos primeiros trens de levitação do mundo e carros com motor movido a etanol e, mais recentemente, a hidrogênio. São descobertas científicas e tecnológicas que geraram riquezas, mas poderiam ter sido muito melhor aproveitadas pela nação.

Ressalto que a ciência brasileira é muito recente, pois foi estruturada há menos de um século, além de ser subfinanciada devido à escolha equivocada de alguns governantes. Sabemos que o país está polarizado e identificamos dois grupos bem diferentes.

Por um lado, há os que tentam mantê-lo a todo custo como colônia de exploração. Devemos refletir sobre os interesses velados daqueles que almejam manter o nosso país subdesenvolvido. Desta vez, a exploração da nação, de suas terras, riquezas e do seu povo, vem sendo realizada por esses mesmos grupos internos que se beneficiam financeiramente no curto prazo e não têm projeto coletivo de nação que se projete soberana no futuro.

Do outro lado, existem aqueles que sonham com o verdadeiro desenvolvimento do país. É com esse lado, soberano, altivo, emancipatório, cidadão, que sonho que a UFRJ contribua. Sem medo e com esperança.

Bom voto !